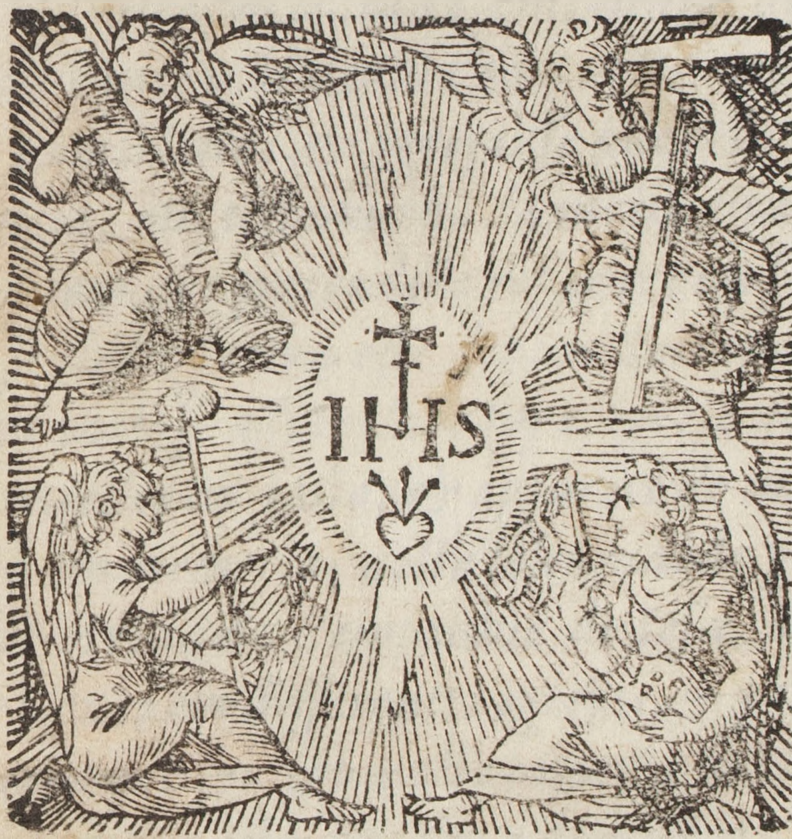


SERMAO QUE O PADRE DIOGO DE AREDA DA

Companhia de Iesu, fez na Igreja de san-
cta Iusta na cidade de Lisboa, estando
o Sanctissimo Sacramento em pu-
blico, pello caso que socedeo na
igreja de sancta Engracia
da mesma cidade.



Com todas as licenças necessarias.

Em Lisboa por Pedro Craesbeeck,
Impressor del Rey 1630.

Està conforme com seu original. Em saõ Do
mingos de Lisboa 5. Iulho de 1630.

F. Diego Ferreira.

AO ILLVSTRISSI-
MO SENHOR DOM

GREGORIO DE CASTEL-

branco Conde de Villanoua, senhor

de Goes, & da casa de Sortelha,

Guarda mór de sua Ma-

gestade.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central



Abida he nesta cidade & Reyno a desgraça, que aconteceu em faltar o sanctissimo Sacramento na igreja parochial de sancta Engracia, & como no gouerno deste Reyno se assentou, que se fizesse publica demonstração, assim do sentimento, que o caso merecia, como da veneração deuida ao Sanctissimo Sacramento em todos os mosteiros, & igrejas se puzerão em hũa sancta competencia, em testemunho da muita vontade, & do muito animo com que pretendião refazer com scruiços a afronta que se tinha feito a este diuino Sacramento: entre as igrejas que mais se assinarlaão foy a igreja de sancta Iusta, porque excedeo no gasto, & apparato de maneira, que sempre ficará em memoria; nesta solennidade pregou o Padre Diogo de Areda da Companhia de Iesu, depois de ter feito outras vezes em differentes igrejas, & porque a primeira pregação que fez sobre esta materia anda impressa, me pareceo imprimir esta, que foy a derradeira, que fez nesta occasião, & de ambas se pode entender o estillo que leuou nas outras, offereçoa a V. S. porque tendo ouuido a primeira, & algũas outras, & mostrando particular sentimento de não ter ouuido esta, fiz tudo o que me foy possivel pel-

la auer, & dar este gosto a V. S, principalmente sabendo
particular amizade que V. S. tem com o Padre Diogo de A-
reda, & a muita confiança que elle teue com os senhores
Condes de Villa noua, que Deos tem: & todo este trabalho
se deuia a muita Christandade, & exemplo com que V. S.
se ouue em todo o tempo em que esta cidade foy satisfazer
do com publicos effeitos a obrigação que nesta casa lhe ce-
ria. Deos guarde 1 V. S. por largos annos. Lisboa 20. de
Mayo 1630.

Belchior Henrique
de Macedo



*Caro mea verè est cibus, & sanguis
meus verè est potus, qui manducat
meam carnem, & bibit meum san-
guinem in me manet, & ego in illo.
Ioann. cap. 6.*



O M este Euangelho proua a I-
greja Catholica, que debaixo das
especies sacramentaes que temos
presentes está Christo Señor nos-
so em realidade, assim & da maneira q̃ está
em o Ceo, triumphante & glorioso. Suppo-
sta esta verdade, & fallando do sacrilegio q̃
se cometeo contra este diuino Sacramento
na cidade tres consequencias se inferem.
A primeira he, que auemos de julgar esta
desordem por suprema maldade. A segun-
da, que auemos de tomar esta desgraça cõ
supremo sentimento. A terceira he, que a-
uemos de restaurar esta perda com supre-
ma applicação.

2.
A primeira cousa que se infere da verda-
de, que temos no nosso Evangelho he, que
auemos de julgar esta desordem, que se co-
meteo contra o diuino Sacramento por su-
prema maldade, porque se cometeo imme-
diatamente contra o proprio Senhor que
adoramos.

O Sacramento da Eucharistia he hũa
cousa tão sancta, & tão aleuantada, que em
certa maneira chega a communicar sancti-
dade, & a cõmunicar grandeza as proprias
mãos diuinas. As mãos de Christo Senhor
nosso sempre se podem chamar mãos san-
ctas, & mãos honradas, porque ellas são as
que fizerão o mundo por omnipotencia, el-
las são as que remedearão o mudo por mi-
sericordia, ellas são as que espantão o mun-
do por justiça, & ellas são as que enrique-
cem o mundo por liberalidade, assim o te-
stimunhou a alma sancta, quando disse,
Manus eius tornatiles aureæ plenæ hyacinthis. p-
rem nos se fizermos diligencia auemos de
achar, que só no acto em que instituirão es-
te diuino Sacramento, se chamão as mãos
de Christo, mãos sanctas, & mãos honradas
assim o declara a Igreja Catholica, quando
diz, *Qui pridie quam pateretur accepit panem in*

Cantic. 5. n. 14.

*Ecclesia in Canone
Missa.*

sanctis

^T
sanctas, ac venerabiles manus suas, se considerar
mos as cousas pella primeira apparencia a-
uemos de achar, que o passo em que mais
conuinha chamaremse as mãos de Christo
sanctas, era o passo em que estauão encra-
dadas na cruz, porque naquelle passo esta-
uão manando o sangue com que se sanctifi-
caua o mundo, se considerarmos as couças
pella primeira representação, auemos de a-
char, que o passo em que mais cōuinha cha-
maremse as mãos de Christo, mãos honra-
das, era o passo em que sobia ao Ceo no
dia de sua gloriosa ascensão, porque neste
dia decião os anjos a lhas beijarem por re-
uerencia, pois que rezão reue Christo Se-
nhor nosso, pera ordenar q̃ sō no passo em
que instituiria este diuino Sacramēto da Eu-
charistia, se chamassem suas mãos sanctas,
& honradas. A razão foi, porque este diui-
no Sacramento he tão sancto, & tão aleuā-
ra, que o mesmo foi tomalo Christo em
as mãos, que consagralas por hum nouo ge-
nero de sanctidade, & que authorizalas por
hum nouo genero de respeito.

Com isto ser assim, basta o acto com que
hum sacerdote toca a hostia consagrada in-
dignamente pera este diuino Sacramento

ficar em certa maneira prophanado, & em
certa maneira abatido many authorizad
vay hum sacerdote quando chega ao altar
porque no interior vay tão soberano, qu
atê o proprio Ceo lhe guarda obediencia
E no exterior vay tão ornado, que atê
Principes, & Monarchas do mûdo lhe guar
dão reuerencia, porem o propheta Mala-
chias diz, que o mesmo he consagrar, & to-
car a hostia estando em peccado mortal, &
tirarlhe a sanctidade, & que tirarlhe a gran
deza, neste sentido auemos de tomar aquel
las palauras: *Effertis super altare meum panem
pollutum*, porque ainda que forão ditas dos
Sacerdotes que na ley velha offerencia o
pão da proposição, tambem se deuem
de estêder aos Sacerdotes da ley noua, que
offerecem o pão diuino, pella correspon-
dencia da figura, a hostia consagrada, nun-
qua perde, nem a sanctidade, nem a gran-
deza, porque Christo està atado as especies, in-
quanto permanecem sem corrupção, pois
que rezaõ teue o propheta Malachias pera
fazer este encarecimento: A razão foi, diz a
grosa Ordinaria, porque o peccado com q
trata hũa hostia consagrada indignamente
he tão grande, que chega em certa maneira
a fazer

*Malachia 1. nu. 7.
Glosa ordi. ex Hie
ron. ad hunc locũ
Malachia.*

a fazer sombra a propria eminencia diuina
nesta correspondencia parece que fallou o
glorioso saõ Paulo, conforme a exposiçãõ
de algũs doutores modernos, quãdo disse:
*Quanto magis putatis deteriora mereri supplicia
qui filium Dei conculcauerit, & sanguinem testa-
menti pollutum duxerit, in quo sanctificatus est, &
spiritui gratie contumeliam fecerit.* Se isto assim
he, manifestamente se infere, que não pode
auer maior desordem que aquella, que co-
mete hum peccador, em tratar injuriosa-
mente este diuino Sacramento, porque o sa-
cerdote que trata indignamente este diui-
no Sacramento, offende a Magestade diui-
na por adoraçãõ, & o peccador que trata in-
juriosamente este diuino Sacramẽto, offen-
de a Magestade diuina por manifesta vio-
lencia.

Hũa particularidade mostra euidente-
mente ao olho a deformidade desta violen-
cia, & he a grande reuerencia com que os
anjos do Ceo assistem a este diuino Sacra-
mento. Ordenando Salamaõ o templo de
Ierusalem, pos no meo do Sancta sanctorũ
a Arca do testamento entre dous cherubins
que sustentauaõ a tauoa do propitiatorio,
em que Deos fallaua sobre o sitio destes

Pau. Heb. 10. n. 29

*2. Para 2.º cap. 30.
num. 13.*

*Lege Riberam l. 2
de templo c. 6.*

*Chrysostom. to. 1. in
cap. 5. Isaie ad illa
verba, Vidi Dñm
homil. in laudem
eorũ qui apparue-
runt in Ecclesia.
Chrysos. to. 5. hom
5. ad pop. An. ioch
Angeli videntes
horrescunt, neque
iberẽ audent in-
ueri.*

dous Cherubins ha muy grande controuer-
sia entre os doutores Sagrados, porcm to-
dos elles concertaõ em dizer, que os cheru-
bins desuiavaõ os olhos da Arca: *Ipsi stabant
reclis pedibus, & facies eorum, erant versæ ad ex-
teriorem domum.* A boa conueniencia estaua
pedindo que os os dous Cherubins estiu-
sem com os olhos fixos na arca, porque des-
ta maneira mostrauião o amor com que af-
fistiaõ, & a vigilancia com que a emparauão
pois que rezaõ teue Salamão pera por os
cherubins com os olhos desuiados da arca,
a rezão foi, porque a arca do testamento e-
ra hum sacrario, em que estaua o manâ, fi-
gura deste diuino Sacramento, & com esta
inuenção ficaua declarando que até os pro-
prios anjos que lhe assistiaõ por affeição
desuiavaõ os olhos por respeito.

Isto que na ley velha se representaua
em figura vemos executado na ley
por effeito. Tratando o glorioso são João
Chrysostomo, do modo com que Christo
Senhor nosso está no sacramento da Eucha-
ristia, diz, que não ha nem sacrario, nem cu-
stodia, que não esteja rodeada de milhares
de anjos, q̃ em certa maneira se desterraõ
com Christo do Ceo, por lhe fazerem cor-

te na terra: pore[m] passando adiante ajun-
ta, que nunca os anjos se mostrarão em fi-
gura humana, senão postrados de joelhos
com os olhos no chão, os anjos no ceo, não
tem confiança pera pore[m] os olhos na es-
sencia diuina? Si tem, porque Christo Se- *Math. 18. nu. 10.*
nhor nosso o authorizou com dizer: *Angeli*
eorum semper vident faciem patris mei qui in cæ-
lis est: os anjos no Ceo não tem confiança
pera porê os olhos em Christo, si tem, por-
que muitos doutores lhe applicão aquellas
palavras de S. Pedro: *In quem desiderant An-*
geli prospicere: pois que razão tem os anjos *1. Pet. 1. n. 12.*
pera variarem este estilo, & materia. A re- *Secundū exposit. 1*
zão he, porque a mesma grandeza que os *renei lib. 4. ca. 67.*
obriga a terem no Ceo os olhos fixos em *& lib. 2. cap. 9.*
Christo, por amor os obriga a terem na ter *Cyrill. lib. de Incar*
ra os olhos baixos por respeito. *natione vnig. c. 28*
Ephrē in tract. de

Se os anjos guardão este respeito a Chri *armatura spiri. c. 1*
nhor nosso, posto debaixo das espe-
cramentaes, manifestamente se vê a
grande temeridade que cometerão aquel-
les, que fizeraõ a desordem que estranha-
mos contra este diuino sacramêto, pois sen-
do inferiores na natureza, & no estado se
mostrarão superiores na ousadia, impossí-
uel he auer fê, & perfeito conhecimento de

Cardin. Baron. in
apparatu a d annal
Ecclesiast.

1. Corint. 2. n 8.

Pet. act. . . 17.

Tertull l. 3. n Mar
cionem cap. 6.

D. Tho. in 1. epist.

ad Corint. c. 2 lect

l. 3 par. q. 47.

71. 5,

Christo em homens que cometerão excesso
desta qualidade. Muy desordenados anda
rão os Sribas, & Phariseus, que puserão a
Christo na crus, porque não estauão, nem
certos na sciencia, nem reformados na
religião, nem inteiros na justiça, & manife-
stamente se desfaziaão por hũa parte, em
ambiçaão, & por outra parte em cobiça, co-
mo consta do Euangelho, porem S. Paulo
assentou, q nunca poderiaõ pór a Christo
na cruz, se conhecessem sua diuindade: Si
cognouissent nunquam Domini gloriam cruci-
fixissent. E atè Christo Senhor nosso Ihe-
deu esta escusa na cruz: *Pater ignosce illis,*
non enim sciunt quod faciunt. a vontade hu-
mana he tão liure, que chega a peccar a o-
lhos vistos todas as vezes que o appetite a
poem fora de tudo aquillo que he justiça,
& fora de tudo, aquillo que he rezaão. pois
que rezaão teue o glorioso saõ Paulo
assentar q nunca os Sribas, & Phariseus
poderiaõ pór a Christo na crus, se conheces-
sem sua diuindade? A rezaão he, porque o
pór hum homem as mãos em seu proprio
Deos, que o criou por misericordia, & que
o pode aniquilar por justiça, he hum excesso
tão extraordinario, que nunca a vontade
humana

622

humana pode chegar a estos excessos de odio, em quanto o entendimento não está escurecido por ignorancia, o mesmo discurso que leuou o glorioso saõ Paulo, fallando daquelles que crucificaraõ a Christo, podemos, & deuemos nos de levar nestes destina-
tinados, que afrontarão a Christo no Sacramento da Eucharistia, porque nũqua a vontade podia chegar a estes effeitos de rayua sem o entendimento estar escurecido por dureza.

*Chrysost. tomo 5.
homil. 60. ad pop.
Antiochenum.*

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Parte I I.

A segunda cousa que se infere da verdade, que temos no nosso Euangelho he, que auemos de tomar esta desgraça, que se cometeo contra o diuino Sacramento, com supremo sentimẽto, porque vemos a nosso proprio Deos, & a nosso proprio Redemptor offendido.

Uuy desgraciado foy el Rey Saul em gouerno, porque aindaque no principio de seu reinado deu mostras de prudencia de religiaõ, & de valor, os excessos que depois cometeo, o fizeraõ reprovado de Deos, & auorrecido dos homẽs, porẽ o mesmo foi ouuirem os moradores de Iabes Galad, que os Philisteus tinhaõ seu corpo

*1. Reg. cap. 31. m.
mero 13.*

morto pendurado por afronta nos muros da cidade de Betzan, que ficarem sete dias sem comer: *ieiunauerunt septem dies.* & entrarão em tão grande colera, que puseraõ sua vida em perigo por libertarem o corpo de afronta. Bem puderaõ os moradores de Palestina passar com dissimulaçaõ neste caso porq̃ por derradeiro Saul os tinha opprimidos cõ injustiças, & justiça, he ser desprezado na morte, quẽ não for comedido na vida, poisq̃ rezaõ tiueraõ os moradores de la bes Galad, pera fazerem esta demonstraçaõ? A rezaõ foi, porque se lembraraõ, q̃ Saul tinha sido seu rey, & seu seõor, & feitas boas contas, acharaõ que elles proprios eraõ os que ficauaõ afrontados em suas afrontas, se o primor politico chega a estas ventagẽs, o primor Christaõ ha de chegar a outros muito mayores, quando vè afrontado o hũ Deos, & a hũ Senhor, que fez os honras sua misericordia, & que os resgata de seu sangue.

Este sentimento he hũa das cousas que Deos mais estima, naquelles que o seruem pouco ayrosos ficaraõ os Apostolos no tempo da paixãõ de Christo, porque o desempararaõ: *Tunc omnes relicto eo fugerunt.* & a co-
uardia

uardia os debilitou de maneira, que nem
hũa pequena escusa lhe deixou: porem o
glorioso são Paulino diz, que Christo Se- *Paulinus epist 4.*
nhor nosso se deu por obrigado aos con- *ad Severum.*
feruar em sua dignidade, & os fazer parti-
cipantes das alegrias de sua resurreição, se
medirmos este caso pellos estílos de justi-
ça ordinaria, & pellos principios do bom
governo, parece que Christo Senhor nosso
estava obrigado a despedir os Apostolos,
& escolher outros homens mais seguros, &
mais primorosos, pera ficarem por capi-
tães, & por cabeças da Igreja Catholica, por
que gente que perdeo hũa vez o brio, de
ordinario não fica habilitada pera empre-
sas gloriosas, pois que rezaõ teue o glorio-
so são Paulino, pera dizer que Christo Se-
nhor nosso se deu por obrigado a conser-
uar os Apostolos em sua dignidade, & aos
participantes das alegrias de sua re-
surreição? A rezão foy, porque os Apосто-
los ainda que o desempararaõ em seus tra-
balhos por assistência, sempre o acompa-
raõ, & seguirão por sentimento, & Christo
fez tanto caso desta pena, & desta tristeza,
que a essa conta dispensou na couardia pe-
ra os não excluir de seu contentamento, le-
esta

21
tã doutrina he verdadeira, nos peccadores
somos diãte de Christo, que reconhece noi
sas faltas, mas o sentimento desta afôrta sua
nos pode seruir de remedio em nossas mi
serias, porque nos pode grangear perdão
pera o passado, & esperanças de bens fu
tuuros.

Porem aduirtamos, que acompanhando os Apostolos no sentimento, não os imi
temos nas duuidas, que tiueraõ no tempo
em que viraõ a Christo maltratado, porque
Christo Señor nosso logo na hora em que
instituiu este diuino Sacramento declarou
que se punha nelle pera padecer afrontas,
da maneira, que fosse possiuel no estado
em que ficaua, se discorrermos bê nos mys
terios de nossa Redempção com Tertullia
no, & com saõ Cypriano, auemos de achar
que o proprio dia, & que a propria hora em
que Christo Senhor nosso auia de i
o Sacramento da Eucharistia, era aq
le
dia, & aquella hora em que sobia ao Ceo,
porque como instituia o Sacramento da Eu
charistia, pera suprir sua ausencia, a boa con
ueniencia pedia que o instituisse no dia, &
hora em que se ausentaua, porem os Euan
gelistas todos concertaõ em dizer, que Chri
sto

*Tertull. lib. 5. ad-
uersus Marcionem
Cyprian. in tract.
de mensa Domini
consumantis om-
nia Saeramenta &c*

sto Senhor nosso instituio este diuino Sacramento na noite em q se entregaua a tantas afrontas, a tantos tormentos & a tantas mortes, quantas foraõ as que lhe derão os Iudeus, por onde o glorioso saõ Paulo concluiu dizendo: *Ego enim accepi à Domino quod & tradidi vobis quia Dominus Iesus in qua nocte tradebatur accipiens panem, & gratias agens dixit accipite, & manducate, hoc est enim corpus meum.* que rezaõ teue Christo Senhor nosso pera seguir esta ordem? A rezaõ foy diz sancto Agustinho, porque com este artificio quis mostrar que entrava na instituição deste diuino Sacramento, com aquelle proprio animo com que entrava em sua paixãõ, & que se mudaua o estado, que senão isentaua do sofrimento.

*Paul. 1. ad Corinth.
cap. 11. num. 24.*

*August. in psal. 33.
conc. 1 tom. 8.*

*Chrysof. hom. 83.
in c. 26. Mat. 10.*

Hũa só cousa nos pode dar cuidado, & he, não sabermos em que lugar está nosso Senhor porque este pensamento tem lugar nos mais fies peitos, que se podẽ achar na terra, porem bemnos podemos aliuiar cõ assentar, que não ha lugar tão baixo em que perigue sua gloria; se formos ao principio da Escritura sagrada, auemos de achar que o primeiro throno em que Deos se assentou por particular assidencia neste mundo

*Basil. lib. i. Hexam
cap. 7.*

*Ambros. homil. 2.
Hexameron.*

*August. lib. i. d.
gener. ad liter. c. 5.*

*Trimeg. in Pimad
Plato in Timor.*

*Pau. Burg. in addit
ad Lyrā. Gene. i. 5.*

25
mundo sensível, foi hum corpo feito de to-
dos os elementos confusos sem ordem, &
sem ornato, nesta correspondencia tomão
o glorioso são Basilio, & o glorioso sancto
Ambrosio aquellas palavras do Genesis: *Spi-
ritus Domini ferebatur super aquas.* porque po-
nome de agoa tomão não somente a agoa
elemental, senão toda aquella congerie de
coufas a que os philosophos antigos cha-
mão Chaos. A primeira conueniencia pe-
dia, que Deos allêtasse o throno de sua pri-
meira assistência, no mais fermoso corpo q̃
se pudesse formar na natureza correspon-
dente a magestade, & a fermosura diuina,
pois que rezaõ teue Deos pera assentar o
throno de sua primeira assistência, em hum
corpo confuso, & desordenado? A rezaõ
foi, porque desta maneira ficou mostrando
que sua magestade, & que sua authoridade
não pendiaõ de lugar em que elle re-
senaõ da propria grandeza com qu-
taua.

Nesta conformidade se ouue Christo no
tempo da ley da graça, se correremos com
deuação os passos que Christo andou neste
mundo, & os passos porque Christo entrou
no outro, auemos de achar, que o primeiro
lugar

lugar em que Christo descobrio sua diuinidade, pera comunicar sua gloria aos homẽs, & os fazer bemaumenturados foi o proprio inferno, horrido, & tenebroso, não na parte inferior, porque nesta ficaõ os homẽs incapazes de bemaumenturança, mas na parte superior do limbo, em q̃ estauaõ os sanctos Padres, & em certa maneira podemos chamar inferno de cima, & cadeia de cima, *Descendit ad inferos*, se consultarmos nossos proprios entendimentos, aõ nos de dizer, que a boa ordem pedia, que Christo escolhesse hũa sala real muy bem ornada, ou hum lugar muy fresco, em que fizesse esta manifestação de sua gloria, pois que rezaõ reue Christo Senhor nosso pera escolher esta cauerna de fairosa, & tenebroso? A rezaõ foy diz Caictano, porque desta maneira ficaua mostrando, que sua gloria não pẽ

D. Thomas 3 p. q.

52. ar. 1. 10. 2.

Caietanus ad cit.

locum D. Thomae.

qualidade de lugar, & que do proprio inferno podia fazer parayso: discorrendo por estes principios, bem podemos concluir, que aonde quer que estiuer o nosso Christo, estã sem prejuizo de sua grandeza.

Parte III.

A terceira cousa que se infere da verdade
que

que temos no nosso Euangelho he, que auemos de restaurar esta perda, que padecemos em nos faltar o diuino Sacramento cõ suprema applicação, porq̃ o proprio Deo offendido não demanda menos em satisfação.

D. Paulus ad Heb.
I. num. 6.

Mat. 3. n. 26 & 27

Se discorrermos pella vida de Christo Senhor nosso com facilidade auemos de alcançar, q̃ nunca ouue passo em que Christo Senhor nosso se abatesse por humildade, sem o Padre eterno acudir com algũa particular honra em satisfação, quando Christo naceo em hum presepe, em summo desemparo, o Padre eterno acudio, mandando os anjos todos do Ceo, que o fossem adorar, assim o testemunhou o glorioso S. Paulo, quando disse: *Et cum introduceret primogenitum in orbem terræ, dixit, & adorent eum omnes angeli Dei.* Quando Christo chegou ao baptismo em habito de peccador, no alto ponto de humiliação, a que podia negar, o Padre eterno acudio, mandando aos ceos que se abrissem, & largando hũa poderosa voz, em que o declaraua por filho seu igual com elle em sua gloria, & magestade, assim o testemunhou o Euangelista S. Matheus, quando disse: *Aperti sunt celi, & ecce vox*

vox de celo dicens: *hic est filius meus dilectus, in Mat. 3. n. 16 & 17*
quo mihi complacui. Quando Christo se pôs
na cruz com tanto aperto, que até o Padre
eterno, parece que se retirava: *Deus Deus*
meus, ut quid dereliquisti me. O Padre eterno *Math. 27. n. 46*
acudio, mandando ao sol que se escureces-
se, & aos elementos, que se perturbassem,
em testemunho de sua innocencia, & em
manifestação de sua diuindade, assim o te-
stimunhou o Euangelista saõ Lucas, quan-
do disse: *Et tenebrae factae sunt super universam Luc. c. 23. n. 44*
terram, usque ad horam nonam. Que rezaõ teue
o Padre eterno pera seguir este estylo, a re-
zaõ foi, porque feitas bem as contas, achou
que era afronta sua não acudir com noua
honra aquelle que se afrontava por seu ser-
uiço, toda a rezaõ pede, que nos conforme-
mos com o Padre eterno nesta parte, por-
que Christo Senhor nosso seruiu ao Padre
em seruiço, & utilidade nossa, & se
o Padre eterno se deu por obrigado a acu-
dir com noua honra a Christo, que se afron-
taua por seu seruiço, a rigorosa justiça de-
manda, que acudamos com noua honra, &
com auentejada honra a Christo, qu' se
deixa afrontar por nosso remedio, & parti-
cularmente neste caso, pois por nos conso-
la,

solar com sua presença, se auenturou a temeridade de doudos, & a timeridade d' infieis.

Estima Christo tanto este nosso reconhecimēto, que a elle tomou por hũa das principaes partes do premio, & satisfação d' muito que padeceo por nós, & do muito q' padece por nós, descreuendo o glorioso S. Paulo as muitas afrontas, os muitos tormētos, que Christo soffreo por nosso remedio, diz, que tudo isto leuou Christo com muito animo, & com muita alegria, leuando o olho em hum muy grande gosto, que esperaua por premio, & por satisfação, nesta correspondencia se haõ de tomar aquellas palavras: *Qui proposito sibi quando sustinuit crucem confusione contenta.* A primeira cousa q' dita a curiosidade humana, he buscar, & perguntar, que gosto foy este em que Christo Senhor nosso leuaua o olho no t' de sua sagrada paixão, bem sei que esta materia ha muitas opiniões, & muitos discursos: poreo Theodoreto, conforme ao sentido que lhe dão muitos doutores modernos, diz, que este gosto foy o que Christo Senhor nosso auia de ter em se ver adorado, reuerenciado por Deos, & por Senhor

em

ad Heb. 12.

1117, 2.

Bibera super epist.
ad Heb. c. 12.

em tantos templos, em tantos altares, & em
tantas custodias, quantas tem a igreja Ca-
holica, com tantas festas, com tantas cere-
nonias, & com tantos gastos quantos são,
quantos se fazem na Christandade; se Chri-
sto Senhor nosso se deu por bem pago, &
por bem satisfeito com esta satisfação, na-
quillo q̃ padecio por nos, bem podemos
dizer, que tambem se dará por bem pago,
& por bem satisfeito, com estas nossas cele-
bridades, & cō estas nossas festas na injuria
que se lhe fez, pois restauramos a quebra
naquillo que mais estima.

Nesta parte cuido que tem a cidade de
Lisboa feito aquillo que se podia desejar,
porque nestas demonstrações de piedade, &
religião, tem chegado a tudo aquillo, & a
muito mais do que a estreiteza do tempo
podia sobir, & ainda que estas desgraças co-
mo a ser pronosticos de males, bem po-
demos esperar auentejadas merces, porque
Deos mais ha de deferir ao seruiço de mui-
tos, que ao desatino de poucos. Hũa cou-
sa me podeis perguntar, & he, se ainda ten-
des obrigação de procurar, & sollicitar o
fuga dos homẽs perdidos, que cometerão
este excesso, & se mo perguntardes, digo q̃
fim,

*Glosa ordi. Num.
25. ex August. q.
52. in exposi. mo-
rali.*

Numer. 25. nu. 13.

*Orig. homil. 20. in.
lib. numerorum.*

4. Reg. 9. n. 7.

sim, porque o castigo em desordens desta
qualidade, he o que acaba de perfeiçoar a
religiaõ. Querendo Deos escolher a Phinees
para Sacerdote, inspiroulhe que tomal-
se a espada na mão por zelo, & que com hi
punhal attraeffasse os delinquentes, que
tauaõ offendendo a Deos com escandalo
de todo o pouo: *Erit tam ipsi quam semini e-
ius pactum Sacerdotij sempiternum, quia zelatus
est pro Deo suo.* Se Deos quera escolher a Phi-
nees para sacerdote, parece que o deuia de
examinar, & adestrar nas ceremonias sacer-
dotaes, no dobrar dos joelhos, & no me-
near o thuribulo, & não em matar homẽs,
pois que rezaõ teue Deos pera levar a Phi-
nees por este caminho? A rezaõ foy, porq̃
a justiça em peccadores escandalosos, cae
tão dereitamente em seruiço de Deos, que
não somete se reputa por execução de ju-
stiza, mas por effeito de religiaõ.

Porem aduirtamos, que o zelo do casti-
go cõtra estes delinquentes, sempre tem lu-
gar, mas que a execução, & o effeito não ha
de ceder, senão despois delles conuenci-
, & declarados, mandou Deos ao Capi-
taõ Gehu, que destruisse a casa de Achab,
pellas grandes idolatrias, & pellas grandes

exor-

vã

exorbitancias que nella auia: *Vnxi te regem
super populum Domini Israel, & percuties domum
Achab.* Exequitou Iehu esta ordem de Deos
com tanto rigor, & com tanta seueridade,
que chegou Deos a se dar por muy satisfei-
to, & a lhe prometer premio temporal na
continuação do Reino pera seus filhos até
a quarta geração: *Quia studiose egisti quod rec- 4. Reg. 18. n. 3.
tum erat, & placebat in oculis meis, & omnia quæ
erant in corde meo fecisti contra domum Achab,
filij tui vsque ad quartam generationem sedebunt
super thronum Israel.* com isto ser assim, Deos
fallando pello Propheta Oseas diz que auia
de castigar muy bem a casa de Iehu por es-
ta matança que tinha feito: *Visitabo sangui- Oseas c. 1. n. 4. Do
nem Iseabel super domum Iehu.* Se Iehu fez o q̃ *Etiores aliqui apud
Riberam ad citat.
Osea locum.*
Deos lhe mandou, & Deos lhe approuou o
que tinha feito, que rezaõ teue Deos pera
despois mandar castigar sua casa; algũs dou-
tem graues dizem, que a rezaõ foy,
que Iehu fez toda aquella destruição,
não por satisfazer a justiça, mas por satisfa-
zer a seu odio, & ainda que lhe deu satisfa-
ção pella substancia da obra, não quĩ dissi-
mular com a desordem, que auia na ir-
rezaõ; não nego que esta ponderação té m
bom fundamento, porem muito melho-

me

4. Reg. 9. n. 27. &
ap. 10. n. 13.

me parece a opinião daquelles que dizê , q
averdadeira rezaõ foy, porque Iehu fez a
exequção da justiça que lhe Deos mandava
exequutar sem ordem, & sem distincão de
culpados, & mais culpados até matar a O-
chosias Rey de Iuda, & seus irmãos, por irê
visitar os descendentes de Achab, como a-
ponta o sagrado Texto, & não falta aente
jado fundamento a esta consideração, por-
que Deos não manda fazer couzas a carga
ferrada, & o mesmo he faltar nos termos
da prudencia, que desbaratar a justificação
da justiça, & se isto assim he, o proprio Deos
quer que temperemos o zelo, & que não fa-
çamos por impeto, o que se ha de fazer por
governo.

E em quanto se não chegaõ a descobrir
os delinquentes, de maneira, que o castigo
fique acertado conformemonos com Deos
porque se elle passa com longanimi
rezaõ pede, que també nos passemos com
paciencia. & só auemos de empregar o zelo
de vingança em nossas proprias pessoas ti-
rando por arrependimento, & penitencia
ne eita, a vida aos vicios, porq̃ nossos pec-
los foraõ os primeiros authores deste
desconcerto, vendo Deos os grandes defa-
foros

foros com que se prophanaua o pouo de Israel, permitio que a Arca do Testamento fosse tomada, & catiua pellos Philisteus, bẽ pudera Deos castigar o pouo de Israel com castigos de differente qualidade, & que ficassem bem a proposito, porque ao menos fomes, & pestes vniuerſaes apertaõ hũa republica de maneira, que não tem, nem commodidade, nem refrigerio; pois que rezaõ teue Deos pera escolher este castigo, a rezaõ foi, porque o pouo de Israel não acabaua de acudir a outros, & crescendo os peccados teue Deos por importante afronta-
talo em materia de religião, & por vltimo castigo tirarlhe por pena aquillo dõde lhe costumaua vir o remedio. Parece-me que estamos nos mesmos termos, porque depois de tantos açoutes com que este miseravel Rey no foi opprimido sem se melhorar costumes, permitio Deos que acontesse esta desgraça, & que ouesse entre nos homem tão desatinado, que afrontando a elle, nos afrontasse a nos, & tocasse na fonte donde nos vem o remedio em nos males

9.
Com isto remato o sermaõ, pedindo a
nosso

nosso Senhor, que tire de toda esta desgra-
ça muitos bês, pois costuma sua infinita mi-
sericordia tomar males por principios, &
instrumentos de auentejadas merces. &c

F I M

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

